

# ESTADOS E TERREIROS: PUXANDO PARA A GIRA CONVERSAS COM QUEM SONHA COM UMA SOCIEDADE PLURAL

## STATES AND TERREIROS: ENGAGING TO THE “GIRA”, CONVERSATIONS WITH THOSE WHO DREAM OF A PLURAL SOCIETY

Maria de Fátima Rodrigues Viana Machado<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo intenciona estabelecer discussões através de revisões bibliográficas que apontam o preconceito histórico da vida da população negra no Brasil em relação aos seus credos. Tendo em vista um cenário social, econômico e político na qual a grande maioria da população negra sobrevive em tempos difíceis, vivendo em um contexto pós-pandemia marcado pelo neoliberalismo. Nesse sentido, o artigo dialoga com teóricos importantes a respeito da temática, como Barros (1999), Bastides (2001), Brown (2019), Coutinho (2006), Guedes (2005) entre outros. Desse modo, mediante a discussão estabelecida defendo que é justamente nas memórias afetivas do coletivo do povo do terreiro de cultos de matrizes africanas, que a possibilidade de luta e sonho por uma sociedade mais igualitária para todos, torna-se uma utopia na qual me refaço, principalmente em diálogo com pensadores e pensadoras que acreditam no processo democrático como forma de relação humana, que não se sustenta no slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultos afro-brasileiro. Democracia. Neoliberalismo.

### ABSTRACT

This article intends to provide discussions through bibliographic reviews that point out the historical prejudice of black people's life in Brazil in relation to their creeds, considering a social, economic and political scenario in which the vast majority of the black population survives in difficult times, living in a post-pandemic context marked by neoliberalism. Thus, the article dialogues with important theorists on the subject, such as Barros (1999), Bastides (2001), Brown (2019), Coutinho (2006), Guedes (2005) among others. Therefore, through the established discussion, I argue that it is precisely in the affective memories of the collective of the people from the terreiro of African Matrices' cults, that the possibility of struggle and dream for a more equal society for all, becomes a utopia in which I emphasize, especially in dialogue with thinkers who believe in the democratic process as a form of human relationship, it's not supported by the slogan “Brazil above everything, God above everyone!”.

**KEYWORDS:** Afro-Brazilian Cults. Democracy. Neoliberalism.

---

<sup>1</sup> Professora da Educação Básica na Secretaria Municipal de Teresópolis. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Plínio Leite (Unipli). Especialista em Raças, Etnias e Educação no Brasil pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Acadêmica de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu/UERJ). E-mail: negra.fa@hotmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Os cultos africanos foram os meus primeiros ensaios sobre o viver no coletivo. Quando criança não sabia distinguir entre as cerimônias e o dia a dia das pessoas que se reuniam para rezar, comer e dançar com os tambores do viver cotidiano. Sabia que algumas festas eram mais alegres que outras, principalmente, aquelas nas quais os doces estavam presentes, e nós, as crianças éramos chamadas a ficar mais dentro da roda da *gira*<sup>2</sup>, onde o invisível tornava-se presente.

Nesse mundo de sons, os textos, falados ou cantados, assim como os gestos, a expressão corporal e os objetos-símbolo, transmitem um conjunto de significados determinado pela inserção nos diferentes ritos. Reproduzem a memória e a dinâmica do grupo, reforçando e integrando os valores básicos da comunidade, através da dramatização dos mitos, da dança e dos cantos, como também nas histórias contadas pelos mais velhos como modelos paradigmáticos. (BARROS, 1999, p. 65).

Nesses instantes, sentia que as ervas me perfumavam com mais intensidade na fumaça que saía do defumador. E ao olhar para os adultos com suas fisionomias transformadas, o sorriso era natural em minha face, porque a mística que acontecia naquele momento era de profunda beleza. Nela os negros e brancos presentes eram capazes de interagirem, e eu, menina das classes populares não sabia que no mundo fora daquele círculo de mulheres e homens existiam separações acirradas pela cor de suas peles, e isso, determinaria que um lugar e direito poderia lhes ser garantido pelo Estado no país.

Para entrar numa *gira* o corpo precisa estar disponível a aprender pelo canto, pela dança, pelo transe, pelo toque,) pelo cheiro, todos os sentidos e pelo silêncio. É o encontro dos homens e mulheres com o mundo visível e invisível, talvez na busca de melhor viverem em sociedade. Contudo, na sociedade brasileira, os cultos praticados dentro das matrizes religiosas africanas dos pretos não são convidativos, pois eles fogem da lógica do capital branco, provavelmente porque o trabalho de homens e mulheres escravizados seja a única lógica de olhar e reparar os povos negros.

Assim, pensar a sociedade brasileira historicamente em crise a partir dos anos trinta, período em que efetivamente entramos no capitalismo dependente como sinaliza Coutinho: “O Estado em crise é aquele que se constituiu a partir da chamada Revolução de 1930. Menos consensual é a constatação de que muitos dos traços dessa formação estatal brasileira ora em crise têm raízes já no início da nossa história” (2006, p.173). Pautada em uma elite excludente,

---

<sup>2</sup> “Gira ou engira é o processo litúrgico da Umbanda, “[...] os trabalhos ritualísticos mais conhecidos de Umbanda.” (BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 220 *apud* SANTANA, 2021, p. 02, grifo do autor). Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4501>

concentrada em seu umbigo, permitindo-se ser de segunda classe, ao se colocar em um capital dependente dos países imperialistas do Norte.

Coutinho nos permite compreender que olhar a sociedade capitalista nascente em trinta é compreender o caminho do capital neoliberal que temos na atualidade, suas transformações com suas variáveis adequações. Que as revoluções passivas são os momentos históricos em que a elite, por suas escolhas em preservar sempre os seus próprios interesses, optou por preterir incessantemente uma parcela da sociedade que ainda na contemporaneidade precisa gritar que se encontra à margem do Estado. Desse Estado que dentro do processo neoliberal se coloca ainda mais, menos responsável, menos comprometido com seus cidadãos, pretos e pobres, os inempregáveis<sup>3</sup> e o exército industrial de reserva para o capitalismo brasileiro.

## 2 ENTRANDO NA GIRA

O diálogo com autor acima citado que contribuiu com sua análise crítica, ao pensar a sociedade por caminhos em que o viver fosse possível a todos, por percursos sociais mais democráticos, me leva a problematizar o papel nodal que o Estado Brasileiro representa na defesa dos interesses das elites brasileiras e do grande capital nacional e internacional. As ideias socialistas de Coutinho me parecem uma das possibilidades de trazer para a roda o desejo de que homens e mulheres possam conviver em uma sociedade mais justa, caminhando sem necessitar ancorar-se na velha ordem conservadora, no caso brasileiro, a ordem escravista, que por mais de quatrocentos anos foi vigente, porque as transformações se deram pelo alto desde a abolição e o processo de independência do país.

Segundo Coutinho, as revoluções populares, tal como a Conjuração baiana, massacrada pelo poder dominante, pela guarda nacional, de certo, nos permitiria outra configuração de nação, sem estruturas tão oligárquicas que perduram até o presente. Mais uma vez o povo não branco é retirado de sua importância no cenário histórico decisório rumo ao caminho de “progresso” excludente.

Portanto, se observarmos bem, veremos que o processo de independência não se constituiu absolutamente em uma revolução no sentido forte da palavra, isto é, não representou um rompimento com a ordem estatal e socioeconômica anterior, mas foi apenas, de certo modo, um rearranjo entre as diferentes frações das classes dominantes (COUTINHO, 2006, p. 175)

---

<sup>3</sup> “Os “inempregáveis” de FHC são aqueles trabalhadores que foram “engolidos” pelo desenvolvimento tecnológico e não têm mais lugar natural na economia”. (GIELOW, grifos do autor). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc080427.htm>

O autor nos ajuda a compreender que somos frutos de uma modernização conservadora, que não se coloca a frente de uma batalha para derrubar destroços para construir uma nova sociedade com apoio popular, pois, seu principal objetivo foi à manutenção dos interesses das classes dominantes, a qualquer custo, como por exemplo, se sujeitar a “migalhas” impostas pelo grande capital par garantir seu *status quo*<sup>4</sup>.

A partir dessas considerações, diante desses “acordos pelo alto”, o outro não existe nesse caminho não clássico de emancipação econômica. Entende-se clássico como uma não ruptura com o passado, uma manutenção de estruturas arcaicas como o grande latifúndio, que apesar de renovadas, ou seja, uma transição pelo alto, as classes dominantes se antecipam sem as camadas subalternas fortemente no processo. Portanto, nos tornamos capitalistas, passando por degraus sangrentos marcados pela escravização, ditaduras, exclusões sociais profundas, vislumbrando uma democracia com *maior eficiência*.

Percorremos uma trajetória de ditadura com a grande presença do capital estrangeiro, desmobilizadora das massas em nosso Estado nação que, pelo outro lado, impulsionou a constante organização da sociedade civil, como por exemplo, as “diretas já”, um movimento plural popular, que contemplava outra forma de governo, que pudesse derrotar a ditadura civil-militar no país.

Ainda assim, assinala Coutinho, esse movimento foi caracterizado por uma estratégia de *alianças por cima*: “A tentativa de evitar esse declínio levou à formulação de um projeto de abertura, a ser encaminhado ‘pelo alto’, com o objetivo de promover uma ‘descompressão’ fortemente seletiva...” (2006, p.187). Sairíamos de uma ditadura também cooptada por ela, como se produz no processo liberal fortemente já plantado e emplacado no país para o futuro contexto neoliberal, visto que, grandes questões da sociedade não se apresentavam em pauta.

Ainda em diálogo com Coutinho, apreendo em sua arguição de homem coerente com a sociedade idealizada, a importância de não ser cooptada em meu sonho, isto é, de participar de um coletivo social mais inclusivo, no qual o povo do qual faço parte, participe ativamente da nação brasileira como cidadão. Sim, porque gera estranhamento a citação abaixo ser do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, que foi por duas vezes presidente do Brasil, com um discurso de que a sociedade brasileira poderia ser mais democrática e inclusiva. E que bens sociais poderiam começar ser socializados.

---

<sup>4</sup> “O *status quo* está relacionado ao estado dos fatos, das situações e das coisas, independente do momento. O termo *status quo* é geralmente acompanhado por outras palavras como manter, defender, mudar e etc.” (grifos do autor). Disponível em: <https://www.significados.com.br/status-quo/>

O presidente Fernando Henrique Cardoso fez parte daqueles que foram direcionados e cooptados pela máquina do Estado, como assinala Coutinho: (2006, p.193) “àquilo que Gramsci chamou de ‘transformismo’”, ou seja, a cooptação das principais lideranças da oposição pelo bloco no poder”. FHC sociólogo, e posteriormente presidente do país, foi capaz de deixar para trás tudo que havia pensado, ou melhor, escrito sobre a sociedade brasileira.

Pode parecer estranho que se peça a um sociólogo que sempre trabalhou com os temas econômicos do “desenvolvimento” ou que fez a crítica dos regimes autoritários, que, de repente escreva um comentário para um livro sobre o candomblé da Bahia. Mais estranho ainda quando esse sociólogo ocupa hoje a presidência da República, pois Roger Bastide dispensa as boas graças dos políticos para ser considerado o maior especialista em religiões africanas do Brasil. Quantas vezes, com Bastide, andei pelos cortiços e favelas, entrevistando gente pobre, negros, mulatos, mulheres e homens sobre a vida cotidiana, os preconceitos de cor e de raça, as religiões (CARDOSO apud BASTIDE, 2001, p.15-16).

Contudo, é necessário compreender o contexto interno em que Cardoso se elegeu, após turbulentas negociações das forças do poder com a experiência da frágil democracia no país, após vinte e um anos de ditadura militar. O governo Collor, seu impeachment, o curto governo do vice Itamar Franco, no entanto, a grande política também não foi idealizada em nenhum dos seus dois governos, ainda que os excluídos fizessem parte de sua votação, sua oportunidade de lembrar os povos que entrevistou não compôs sua memória de pesquisador. “Assim, a dívida social e a crise econômica dos anos 1990 no Brasil marcaram profundamente a consolidação democrática” (SILVA, 2008, p.83). O governo de Cardoso abre de forma veloz espaço para as privatizações, e propicia um Estado que atendesse aos interesses do capital já iniciada em outros governos.

Segundo Silva (2008, p.263), mesmo o Brasil tendo em sua população metade de afrodescendentes, a relação política e econômica com o continente africano sempre foi pautada por indefinições, distanciamentos e seletividade. Nos governos de FHC não apresentou diferença dos demais, apesar do envolvimento de negociação e acordo com outros países e África do Sul. “Na visita a Mandela, Cardoso afirmou que o Brasil e África do Sul tinham problemas parecidos e citou o esforço dos dois países para consolidarem a democracia e melhorarem a qualidade da saúde pública” (SILVA, 2008 p.270).

Que fetiche tem o capital para capturar homens e mulheres como um canto da “Iara”<sup>5</sup>. Por que Cardoso entrou nessa macro política de destruição dos bens nacionais? Coutinho não viveu o

---

<sup>5</sup> “Iara é uma lenda do folclore brasileiro muito conhecida na região amazônica. Acredita-se que ela era uma sereia, ou seja, metade mulher e metade peixe. Iara vivia nas águas dos rios da Amazônia e atraía homens para si com seu canto. Os que eram seduzidos por ela acabavam mortos afogados no fundo das águas dos rios, e os que não se deixavam seduzir pelo canto da sereia ficavam loucos e precisavam de ajuda para se livrar da loucura.”. (grifos do autor). Disponível em: <https://www.preparaenem.com/folclore/iara.htm>

tempo do agora: pós-pandemia, um governo ultradireita no país. Provavelmente, sua palavra crítica e generosa me embalaria para outras escritas fortalecedoras. Entretanto, sua contribuição em todo seu percurso de intelectual comprometido com o Brasil, jamais me deixará sem a reflexão que mobiliza no pessimismo da inteligência ao otimismo da vontade, vendo a realidade sem devaneios, mas com a esperança da conquista contínua e na certeza que outros caminham no sonho de uma sociedade mais plural.

Retomando a questão anunciada no início do texto reitero que o Terreiro enquanto espacialidade da cosmogonia religiosa afro-brasileira sempre me produziu encantamento, “os frutos dessa recordação simbólica da África, floresceram profusamente, sobretudo nessas variedades locais do culto afro-brasileiro que se chamaram candomblés, macumbas, tambores de mina, batuques, babaçues, catimbós” (Barros, 1999, p. 10), seja pelo ritual do coletivo dos homens e mulheres via a presença de alegria que percebia nos semblantes de alguns adultos perante alguns cantos.

Se o neoliberalismo acentua cada vez mais a distância do Estado das demandas da população brasileira, o povo negro sempre precisou encontrar em sua maneira de coletivo realizar o seu próprio contrato social, por não ser considerado pertencente e não ser reconhecido como reais brasileiros. Visto que os negros, ao chegarem ao Brasil, eram vistos como animais pelos senhores e pela Igreja Católica (GUEDES, 2005), mas eles carregavam sua cultura, o que é inerente ao ser humano, conforme afirma Guedes: “Apesar da Igreja Católica e dos senhores de escravos, os negros que chegavam ao Brasil traziam suas culturas e com ela, sua religião: a religião dos Orixás” (2005, p. 50). Dessa forma, os afrodescendentes sempre encontraram maneiras, mesmo com a dificuldade de manter viva sua fé, sua cultura, suas raízes.

Assim, lembro-me quando sentava distante e via no toque do atabaque quem sairia de dentro da roda ou se transformaria com algum movimento corporal em alguém que estava chegando de longe se fazendo presente entre nós, vinha de *aruandá*<sup>6</sup>, uma dimensão não física, por isso precisavam de um corpo para se materializar, comer, dançar e falar. Assim também são os/as intelectuais que pelas suas palavras escritas e não cantadas me levam a pensar sobre o coletivo vivido pelo Estado.

Desta forma, convido a pensadora Wendy Brown para essa *gira* que fala desse projeto de um Estado mínimo, contemplando o mesmo grupo hegemônico no poder que fundamenta seus

---

<sup>6</sup> “Aruanda é o nome dado a um lugar específico no plano espiritual, isto é, é o mesmo que uma colônia para os Kardecistas, pois é um local reservado para espíritos trabalhadores da Umbanda, que já alcançaram uma maior evolução e agora continuam trabalhando como intermediários entre o plano físico e espiritual em nome do bem e da caridade”. (CASA DE SANTOS FILHOS DO AXÉ). Disponível em: <https://www.casadesantofilhosdoaxe.com.br/aruanda/>

princípios no indivíduo abominando os grupos que não são legitimados pelas suas concepções de sociedade de iguais, isto é, de homens, brancos e cristãos.

O que significa ruínas? Segundo o dicionário Oxford<sup>7</sup>: ato ou efeito de ruir. Neste sentido está alicerçado em algo já existente, seria isso o título para a autora? Ou algo sendo criado a partir das ruínas? Ao iniciar suas posições em sua obra “Nas ruínas do neoliberalismo”, a filósofa e cientista política Wendy Brown (2016) procurar entender como foi o surgimento dessa nova direita alternativa, olhando para sua própria sociedade, como também a sociedade europeia, para entender o neoliberalismo como uma forma de racionalidade política. “Este livro trata dessas questões por meio da teorização de como a racionalidade neoliberal preparou o terreno para mobilizar e legitimar forças ferozmente antidemocráticas na segunda década do século XXI” (BROWN, 2019, p.16)

Mesmo que Wendy Brown foque em seu espaço social, a sociedade americana, sua contribuição possui um esforço teórico radical, dado que neste momento, oportuniza uma luz intelectual basicamente a todo mundo globalizado, definindo e entrelaçando elos sobre o neoliberalismo em seu cerne, adentrando para além de uma perspectiva apenas econômica, “coloca o neoliberalismo como o que inaugura um novo capítulo do capitalismo e gera novas forças, contradições e crises” (Brown, 2019 p. 32).

Assim, estamos nós brasileiro/as mergulhados em suas concepções nos escombros do nosso curto período democrático sob o lema: *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!* Este bordão estremece uma parte dos homens/mulheres desse país, que pela coragem, consciência histórica e respeito são pertencentes às religiões de matrizes africanas. No entanto, apresenta mais uma faceta do neoliberalismo, pois muitos dos que são pertencentes aos cultos de negros/os são algumas vezes, em sua maioria brancos/os, porque muitos dos negros foram cooptados pelo cristianismo que “regula e conforta, e que não demoniza como os orixás, caboclos e pretos velhos”.

O slogan “Deus acima de tudo” justifica uma polícia e também uma população armada perseguindo sem direito de defesa os que desde senzalas continuam marcados como os “suspeitos” de algo incorreto. Crer na natureza, não seguir uma bíblia, ainda que seu mártir tenha importância para o credo como na umbanda, não é suficiente para garantir o direito à vida. Um autoritarismo que alimenta a ignorância e afasta a tolerância, criando salvadores não no céu, mas principalmente na terra.

O encontro das matrizes africanas não está na lógica do mercado. Exu ainda não foi mercantilizado, entender Exu, segundo Bastides: “como regulador do cosmo, aquele que abre as

---

<sup>7</sup> O Oxford English Dictionary (OED) é um dicionário publicado pela Oxford University Press (OUP), sendo considerado um dos mais conceituados dicionários da língua inglesa. (grifo do autor). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxford\\_English\\_Dictionary](https://pt.wikipedia.org/wiki/Oxford_English_Dictionary)

barreiras, que traça os caminhos, em suma como deus da ordem. Na qualidade de “recadeiro” das divindades, abre as portas entre os compartimentos do real” (2001, p.183). Não é o diabo em que muitos acreditam cristalizados pelos pentecostais e cristãos em geral, possibilidade concreta de mercantilização da fé.

Um dos aspectos fortemente marcado na obra de Brown é o sentimento de ressentimento. Do “cidadão” que se sente desapropriado dos seus privilégios ao perceber que em um Estado democrático, busca-se socializar os bens comuns. Neste sentido, a elite branca, conservadora, etnocêntrica, despreza com veemência os ganhos sociais adquiridos pelas políticas públicas recentes com o governo de esquerda. Principalmente para os pobres, que no caso do Brasil, também se traduz por negros/as. A autora deixa claro em seu percurso narrativo que democracia e diversidade em seus amplos aspectos não fazem parte do universo neoliberal, mesmo utilizando palavras como liberdade em suas justificativas argumentativas.

O terreiro me ensinou sobre existência, solidariedade e criatividade. As Mães de Santos não mediram esforços ao socializar com todos os iniciados comprometidos com os ensinamentos, os preceitos mais profundos de nossa existência, através dos gestos ritualísticos a criação das subjetividades que são os cultos de matrizes africanas, sem discriminar por raça, classe e principalmente gênero, as minorias são aceitas, não há espaço para o ódio que elimina o que é diferente. Minha ancestralidade chegou nesse território desprovido de tudo, e foram capazes de se reinventarem segundo Sodré (2019, p.21) “através do terreiro e de sua originalidade diante do espaço europeu, obtém-se traços da subjetividade histórica das classes subalternas no Brasil”.

Não é concebido ao povo de terreiro, que a individualidade do sujeito o/a torne proprietário de si, que seja capaz de lhe trazer por si mesmo todos os seus aprendizados, o aprender é em conjunto, e com o outro. Para o neoliberalismo, é da responsabilidade do homem/mulher a sua seguridade social: *“você é sujeito do seu fracasso como do seu sucesso!”*

Porém, isto é cruel para aqueles que não são visto com equidade histórica, pois algumas questões são inerentes ao Estado e não poderia fugir de sua função de prover saúde, educação e segurança, esse seria o dever de um Estado democrático, guarnecer o bem comum, entretanto, no fundamento neoliberal, não o é para todos, pois para que o Estado seja o próprio mercado, a democracia não tem espaço nas relações humanas. A escola, ao não contemplar as religiões afro-brasileiras nos planos de estudo de ensino religioso, reforça essa perspectiva e desacredita dos aprendizados adquiridos em terreiros, como também os tornar impraticáveis. Ou seja, também contribui para o esquecimento da identidade do povo do terreiro, como aponta Guedes:

Ao reproduzir uma visão homogênea da sociedade, a escola colocaria as diferenças culturais a andar em torno da árvore do esquecimento. Seria ela própria, uma grande árvore do esquecimento na qual alunos negros e suas culturas, suas religiões, suas formas de ver o mundo estariam a dar voltas até que esqueçam completamente sua história (GUEDES, 2005, p. 209-210).

Portanto, “Somente a igualdade política assegura que a composição e o exercício do poder político sejam autorizados pelo todo e sejam de responsabilidade do todo” (BROWN, 2019, p.33). O neoliberalismo produz outra forma da relação social de mudanças até mesmo constitucional, trazendo uma dimensão repressiva do Estado. Ele é forte em seu status autoritário e terrivelmente fraco em suas políticas sociais, criando uma lógica mercantil, sendo o conceito externo é esvaziado no processo neoliberal. O Estado não provê nada que se intitula coletivo, mas uma racionalidade de eficiência de lucros, de produtividade empresarial. E nesse espaço de ideias, o desafeto justifica a não existência de debates onde a igualdade deve se apresentar desigual, tal qual a estrutura do próprio capitalismo em prol da defesa econômica. E Brown ainda nos desafia a pensar e a encontrar soluções para as várias facetas do neoliberalismo.

Como sair dos discursos de ódio? Que instrumentos são utilizados para fazer que a grande massa não perceba que são mantenedoras de exclusões as quais pertencem? O debate público está carente de encontro, as Fake News são dispositivos que trazem o fogo da paixão dos loucos que são capazes de até matar para defenderem os ideais irracionais, onde as subjetividades da experiência não têm lugar de vivência, sendo os valores sociais meros agentes do mercado.

Neste sentido, Brown nos oportuniza pensar as contradições a que estamos expostos ao neoliberalismo. A buscar sem um caminho definido por ela, uma reflexão profunda para o movimento de esquerda não somente nacional, de como formar estratégias de enfrentamento ao neoliberalismo, tendo a coragem em olha-lo nos olhos e também perceber o quanto ele é forte e articulador, visto que nos últimos anos essa corrente do liberalismo toma todo o cenário mundial. Estamos nós acadêmicos sujeitos a ele, nas produções de artigos? Estamos nós distantes do mercado? Por certo, em algumas áreas de conhecimento a competição dá lugar à cooperação, contribuindo para a produção reflexiva.

Sempre lutamos nesse país pela universalização de direitos. Venho de um povo que o faz aliados a outros homens/mulheres republicanos e/ou socialistas progressivamente, acreditando na luta por um Estado democrático de direito que vem sendo gravemente violado em nossa Constituição. Contudo, não nos enfraqueçamos porque o próprio neoliberalismo é contraditório. E em momentos de uma pandemia mundial, foi o Estado que ele tanto rechaça, um agente fundamental na crise, no fenômeno planetário apresentado.

Porém, nas ruínas do neoliberalismo, Nancy Brown nos traduz a complexidade do fenômeno contemporâneo, tenso, unidos a tantas partes que dificulta a uniformidade, é um *Frankenstein*. Ainda assim, seus trajes não são farrapos, está muito bem vestido nessa nova direita que é racista, moralista, xenófoba.

Que homem/mulher democrático, mediante o quadro que temos, no presente queremos? As minorias organizadas que sempre buscaram os seus lugares, terão mais uma vez, força para a nova batalha? São muitas inquietações, preciso das *pedrinhas miúdas* de Simas, retiradas do poeta Manuel de Barros, que fazem a diferença no ânimo, que acrescentam no máximo quando estamos juntos/as para seguirmos em frente.

Pequenos momentos de singularidades que nos fortaleçam na caminhada. Um Axé com gente, árvores, pedras ou nada; um beijo do/a amada; um sorriso de um amigo; uma comida sofisticada como arroz com feijão; uma música que produza gritos ou silêncios; um beijinho de um familiar; uma leitura de uma página de um livro que te faça suspirar; uma marcha por alguma causal. Esses e tantos outros são as subjetividades que não pertencem aqueles que não vivenciaram a subjetividade do afeto, que não acreditam na palavra utopia.

Não podemos esquecer que é também no ataque à linguagem, no desperdício de experiência e na escassez de formas de invenção que esse projeto de mundo assombrado vem se erguendo. Porém, as pedrinhas miúdas continuam sendo lançadas no tempo, comunicando outras possibilidades e produzindo presenças, já que a palavra é também uma forma de corpo em transe. As de Luiz Antonio Simas revelam a força do conhecimento contido nas giras do cotidiano e nos pensamentos capazes de confrontar o terror de uma engenharia destruidora não só de corpos físicos, mas também das dimensões sensíveis da vida (RUFINO apud SIMAS, 2019, p. 139).

Nessa *força do simbólico* que ainda procuro a vida na vida. O homem ao se tornar homoeconomicus foi de encontro ao vazio da busca pelo prazer imediato que o capital proporciona com uma grande facilidade no discurso de liberdade no neoliberalismo, se você não tem, você não existe! Encontrar a sutileza na palavra que encoraja a não aceitar essa única e exclusiva maneira de existência no social é o desafio no cotidiano nos coletivos que participamos do micro ao macro.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É na *palavrinha miudinha* “não”, que devemos executar nossa ação, dizendo ao colega do lado, a nossa família, no trabalho, que o direito à liberdade “não” pode ser a de negação de direitos as minorias, porque a marca da diferença não pode ser o ódio. Num contexto em que os homens/mulheres perderam a senilidade da oratória e da escuta, torna-se um ensinamento

aprender a ver a beleza da existência, na verdadeira liberdade que agrega. Não podemos desistir de sonhar, fechando os olhos e ouvindo o coração para abrir os olhos e acreditar no horizonte.

Finalizo o presente artigo, pretexto para (me) pensar o curso Estado e Sociedade embalada no ponto que ouvia: *Eu vi mamãe oxum na cachoeira, sentada na beira do rio, colhendo lírio, lírioê, colhendo lírio, líroá, colendo lírio pra enfeitar nosso gongar*<sup>8</sup> Se um dos milhares de minha ancestralidade acreditou na delicadeza e beleza desse ponto de Oxum, desejando que outros pudessem no presente-futuro escrever no agora, na condição que escrevo, de mulher-negra-professora que se faz pesquisadora, é possível e necessário que muitos de uns no presente-futuro não duvidem, e sintam-se confiantes que outra configuração de sociedade, mais livre e igualitária, com justiça social e religiosa possa ser realidade.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José, Flávio, Pessoa. **A fogueira de Xangô. O orixá do fogo: uma introdução a música sacra afro-brasileira.** Rio de Janeiro: Intercom – UERJ, 1999.

BARROS, José, Flávio, Pessoa. **O banquete do rei... Olubajê: uma introdução a música sacra brasileira.** Rio de Janeiro: Intercom – UERJ, 1999.

BASTIDES, Roger. O candomblé da Bahia: rito nagô. Tradução: Maria Isaura P. de Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente.** Traduzido por Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Ed. Filosófica Politeia, 2019.

COUTINHO, Nelson, Carlos. **O ESTADO BRASILEIRO: GÊNESE, CRISE, ALTERNATIVAS.** In: LIMA, Júlio César França. NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo: Rio de Janeiro: EDITORA FIOCRUZ, 2006. *E-book* (320p.) P&B. ISBN: 978-85-7541-612-9. DOI: 10.7476/9788575416129. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/j5cv4/pdf/lima-9788575416129.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

GUEDES, Maristela Gomes de Souza. **Educação em terreiros e como a escola se relaciona com crianças que praticam candomblé.** Orientadora: Vera Candau. – Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Educação, 2005. Dissertação (Doutorado em Educação), 2005. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=7708@1>. Acesso em: 01 fev. 2023.

---

<sup>8</sup> Zeca Baleiro. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/umbanda/914439/>

SILVA, da Reis André. Tese Doutorado: **Do otimismo à globalização assimétrica: a política externa do governo Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2002)**. Universidade Federal do Rio grande do Sul-UFRGS, Porto Alegre, 2008.

SIMAS, Luiz Antonio. **Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

**Enviado em: 04/12/2022**

**Aceito em: 22/02/2023**